

Peru, país pobre e corrupto

Caso dos Rolex amplia crise no governo do Peru. Presidente Dina Boluarte não conseguiu explicar origem de suas joias

Por Michael Stott

— Financial Times

Valor, 08/04/2024

Três relógios Rolex, um bracelete Cartier de US\$ 56 mil e uma seleção de joias de US\$ 500 mil deixaram a presidente do Peru sem palavras. Dina Boluarte, uma advogada provinciana de origem humilde antes de assumir o cargo, não conseguiu explicar a promotores públicos de onde vieram os acessórios luxuosos.

Em vez disso, a primeira mulher a liderar o Peru questionou os interesses da mídia nos relógios e joias que ela usou em compromissos oficiais, dizendo esperar que isso não fosse “machista e discriminatório” e que “ser corrupta não está no meu DNA”. Seu advogado aproveitou e disse que “nem todo enriquecimento é ilícito”.

Os promotores não ficaram impressionados. Eles ampliaram sua investigação para incluir depósitos não explicados de cerca de US\$ 300 mil em contas bancárias de Boluarte. A polícia arrombou a porta da residência de sua família em Lima na Sexta-Feira Santa em busca de provas.

Será que isso significa o fim de um dos líderes mais impopulares do mundo, que vem tropeçando em um índice de aprovação de 9%? Não necessariamente, segundo o Congresso do Peru. Na quarta-feira, os parlamentares votaram por uma ampla margem pela confirmação do novo gabinete de Boluarte, formado às pressas após a saída de seis ministros na segunda-feira e a renúncia anterior do primeiro-ministro em razão de um escândalo separado. Nesta quinta-feira, eles rejeitaram dois pedidos de impeachment.

Por que o improvável voto de confiança? Quase dois terços dos parlamentares estão sob investigação por supostos crimes e o Congresso está com a imagem tão suja quanto o presidente, de modo que os parlamentares temem eleições antecipadas. Uma presidente fraca também está possibilitando ao Congresso reescrever a Constituição: este ano, os parlamentares recriaram o Senado e se permitiram buscar a reeleição imediata, desprezando os resultados de um referendo que mostrou que a população não queria nenhuma das duas coisas.

Os peruanos vêm assistindo tudo isso com um misto de cansaço, desgosto e desespero. Eles tiveram seis presidentes nos últimos seis anos, sendo que quatro foram forçados a sair devido a supostas impropriedades. Boluarte assumiu a presidência em dezembro de 2022, quando seu antecessor, Pedro Castillo, foi preso depois de tentar fechar o Congresso. O empobrecido sul do Peru, base de apoio de Castillo, irrompeu em protestos e Boluarte enviou tropas. Pelo

menos 49 civis foram mortos, desencadeando protestos internacionais e abalando fatalmente a credibilidade de seu governo interino desde o começo.

Essa turbulência no governo abalou a economia. Os investidores temem se comprometer com grandes projetos, especialmente no importante setor minerador, uma oportunidade perdida no momento em que a demanda global por minerais críticos é elevada. O setor informal, que emprega mais de 70% dos trabalhadores, vem crescendo. A exploração ilegal de minérios e madeira está desenfreada, o tráfico de drogas prossegue ininterrupto; universidades privadas de reputação duvidosa estão em toda parte. Em vez de conter essas atividades, os legisladores as estão encorajando. As iniciativas do poder legislativo vêm dificultando a repressão aos garimpeiros e madeireiros, além da guerra contra o crime organizado.

Will Freeman, membro do Council on Foreign Relations, vê “indícios preocupantes de que o crime organizado pode estar exercendo uma influência significativa sobre os legisladores”. Com as empresas legítimas relutando em fazer doações aos partidos políticos peruanos, assolados por escândalos, o dinheiro sujo preenche esse vácuo. O crime e a violência estão em alta.

Não é de surpreender que poucos peruanos estejam otimistas. Um número crescente está emigrando: mais de 400 mil apenas no primeiro semestre do ano passado. Em Lima, as opiniões estão divididas entre aqueles que veem uma degradação constante da política e aqueles que acreditam que um nacionalista autoritário da linha de Nayib Bukele, de El Salvador, vencerá as eleições marcadas para 2026. Enquanto isso, Boluarte cambaleia.

“Os Rolex resumem uma realidade cuja principal característica é que não existe mais política”, diz Alberto Vergara da Universidad del Pacífico. “Dina e seu governo não dão a mínima para o país. Para eles, política é pilhagem.” **(Tradução de Mario Zamarian)**